

198  
Original

TEORIA E PRÁTICA DA IMAGEM NACIONAL

por

JOSÉ ARIEL CASTRO

Professor da Faculdade de Letras da U.F.R.J.

Trabalho de estágio apresentado à Comissão Coordenadora do IV Curso de Atualização de Estudo de Problemas Brasileiros.

1978

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Forum de Ciência e Cultura

Primeiro semestre do ano letivo de 1974

#### SINOPSE

Estabelecimento de uma teoria para a compreensão do conceito de imagem nacional e de uma técnica para a sua difusão, aplicáveis, ambas, ao caso brasileiro.

## SUMÁRIO

- 1 - Introdução
- 2 - A imagem, do ponto de vista sociológico
- 3 - Imagem: produto da comunicação
- 4 - As etapas na comunicação da imagem nacional
- 5 - Imagem e segurança nacional
- 6 - Conclusão
- 7 - Bibliografia
- 8 - Abstract

"A consciously directed and organized movement cannot be explained merely in terms of the psychological disposition or motivation of the people. Explanations of this sort have a deceptive plausibility, but overlook the fact that a movement has to be constructed and has to carve out a career in what is practically always an opposed, resistant, or at least indifferent world."<sup>1</sup>

Herbert Blumer

<sup>1</sup>BLUMER, Herbert. Collective behaviour. In: GITTLER, Joseph B., edit. Review of Sociology: analysis of a decade. New York, John Wiley, 1957. p. 147.

## TEORIA E PRÁTICA DA IMAGEM NACIONAL

### 1 - INTRODUÇÃO

1.1 - Todos os governos, principalmente os dos países em vias de desenvolvimento, necessitam cada vez mais de corrigir a impressão ou imagem que outros governos e respectivos povos têm de seu trabalho de construção nacional. Necessitam, também, de desenvolver este trabalho entre os cidadãos de seus países para que uma nova ordem se implante, a ordem da felicidade e do bem-estar pessoal de cada um dos membros da comunidade. Assim, no mundo de hoje, o estudo da formação e difusão da imagem nacional é essencial para o sucesso dos governos autênticos, ou seja, daqueles que representam o povo na sua totalidade e não apenas grupos oligárquicos.

1.2 - A fixação de uma teoria da imagem nacional é trabalho de igual relevância porque há a necessidade de se ter consciência daquilo que se faz ou se vê fazer. É preciso que se deixe claro que uma tarefa como essa só pode ser levada a cabo a partir de um enfoque sociológico. A sociedade está sempre a mudar. Nessa mudança, porém, inúmeros procedimentos se repetem, com conseqüências freqüentemente muito parecidas. Isso é um dado que se deve levar cuidadosamente em conta, para a identificação dos fatos que levam à formação de uma imagem deste ou daquele tipo. Esses fatos-causas devem ser comparados aos fatos-conseqüências, que são mais visíveis e, portanto, mais enganadores. Há acontecimentos que só valem em si mesmos pouco ou nenhum significado têm para a história futura da sociedade. São apenas momentos ou experiências que se situam no plano das tentativas ou das realizações ao acaso. Outros, porém, saem

dessa esfera e, porque estão no curso geral dos anseios da comunidade, valem como acontecimento capaz de se projetar no tempo ou no espaço, dependendo disso das condições exteriores a ele que surgiram no processo de sua formação.

1.3 - Quando uma sociedade busca uma solução para algum de seus problemas, tende a proceder segundo uma estratégia que, muitas vezes, pode ser identificada com certa clareza. Se o problema é a imagem que quer formar de sua ação, a estratégia é uma técnica adequada à difusão dela, imagem, segundo suas intenções. Procuramos apresentar, ao lado de uma teoria da imagem nacional, uma técnica para sua propagação. É claro que essa técnica está em relação direta com a época em que se vive. Enquanto a imagem em si é devida a fatores atemporais, sua difusão depende diretamente das características da época em que se forma.

1.4 - O método que seguimos em nosso estudo é o da busca de fatos relevantes da vida social, sua classificação segundo os fins a que se destinam e sua avaliação segundo os objetivos essenciais da sociedade humana como elemento da oposição homem-animal. Avaliação, em termos sociológicos, só se pode fazer segundo essa oposição básica no plano do comportamento dos seres vivos. Como não lançamos mãos de hipóteses e partimos do particular para o geral, nosso método é caracteristicamente indutivo.

## 2 - A IMAGEM DO PONTO DE VISTA SOCIOLOGICO

### 2.1 - A sociedade científica e os fins do homem

Os seres humanos, encarados como indivíduos do ponto de vista físico e biológico, são animais sociais. Não conseguem viver isoladamente porque, devido à sua incapacidade física com relação a outros animais, ficam em desvantagem quando separados

e sós. Assim, buscam eles fins comuns, consciente, inconsciente e não intencionalmente. Estes fins comuns são ações que venham a ser úteis ao grupo. Para estudar os processos que levam o homem a alcançar seus fins, temos de nos valer da sociologia científica.

## 2.2 - Imagem e organização social

Ao utilizarmos os métodos da sociologia científica, procuramos analisar os resultados do processo de associação sobre o indivíduo, procuramos saber como os seres humanos conseguem realizar atos em prol da comunidade e procuramos descobrir os mecanismos que presidem o movimento de mudanças sociais. Assim que resolvemos esses problemas e, portanto, conseguimos compreender o momento de um grupo social, procuramos aplicar os remédios que conduzam à cura de seus males e à estabilização dele, grupo social, em função dos seus anseios e dos remédios que procuramos aplicar. Essa estabilização nada mais é do que a consciência dos males e da eficácia dos remédios. A imagem, do ponto de vista sociológico, é objetivação dessa consciência.

## 2.3 - Imagem e interação social

Os grupos sociais, no processo de interação, podem desenvolver três tipos básicos de comportamento: integram-se, mantêm equilíbrio ou desintegram-se. Para cada um desses comportamentos há de corresponder uma consciência, do ponto de vista subjetivo, e uma imagem, do ponto de vista objetivo.

Um grupo social, de acordo com o momento que vive, pode ter de si mesmo imagens diferentes. Estas imagens diferem na medida em que o grupo reage contra uma situação ou procura manter a situação em que está. Trata-se, pois, de um movimento cíclico que corresponde exatamente às atitudes básicas do mem-



bro do grupo, do ponto de vista biológico. A imagem é, pois, a objetivação desses processos de interação social. A exteriorização da imagem de qualquer das situações indicadas é feita através da comunicação.

#### 2.4 - Problemas sociais

As situações geradoras de imagens são, cada uma, a síntese de problemas sociais do grupo. Os problemas sociais são, basicamente, problemas de organização, de administração e de planos de ação. São problemas de organização aqueles que dizem respeito à casa, ou seja, à propriedade comum dos membros do grupo. São problemas de administração aqueles que dizem respeito, do ponto de vista social, às pessoas que lidam com essa propriedade comum. São problemas de planos de ação aqueles que dizem respeito à vontade geral de sempre melhorar a eficiência do trabalho de organização e administração.

#### 2.5 - Os movimentos sociais

A insatisfação em relação à maneira de resolver os problemas sociais acaba gerando a chamada inquietação social. Para sermos mais precisos: quando a antiga ordem e seus mecanismos de controle entram em processo de desintegração, quando os hábitos da comunidade não servem mais para resolver seus problemas, surge, em cada membro do grupo, uma sensação de mal-estar, desconforto ou incerteza que corresponde a impulsos reprimidos e que gera ações que se frustram. A inquietação passa do indivíduo para o grupo e provoca entrechoques que acabam produzindo tensões incontroláveis, isto porque as pessoas ficam altamente excitadas e sensíveis ao medo, à apreensão e à influência de qualquer acontecimento que lhes dê a esperança de se livrar da situação que as aflige. Como

agem na base de impulsos, só sabem, de modo geral, que é preciso sair da situação desagradável. Tornam-se sensíveis aos boatos e, agindo socialmente, aceitam muitas tentativas de solução que, individualmente, não aceitariam. Pela perda da qualidade de sua crítica, tornam-se, muitas vezes, instrumento daqueles que procuram impor soluções que atendem a um grupo ou grupos, mas não à comunidade inteira.

Quando uma certa tentativa é adotada definitivamente como objetivo comum, inicia-se um processo de integração do grupo que permite a descarga paulatina das tensões e que tende a resultar na formação de novas instituições.

#### 2.6 - Opinião pública e imagem

Quando a solução adotada o é pela força, desenvolve-se progressivamente em seus autores a consciência da necessidade da acomodação ou equilíbrio do que se impôs e dos numerosos desejos individuais que fizeram parte do movimento de busca da solução. A acomodação visa, portanto, à conquista paulatina da totalidade da opinião pública. Mesmo que a solução imposta tenha correspondido aos desejos da maioria, há naturalmente uma predisposição a assimilar a minoria. A tendência é, como em tudo, buscar o ideal, ou seja, no caso considerado, a adesão total. Como o ideal nunca se atinge, a solução dura tanto mais quanto mais se aproxima do mesmo e, num certo ponto, depois de um período de estabilidade, começa a entrar em processo de desintegração que há de gerar novas inquietações e novos movimentos sociais.

O trabalho de descarga paulatina das tensões do grupo é rápido e eficiente na medida em que os autores da solução identificam no grupo social os desejos básicos da

mudança e sabem a eles responder. Os autores da solução estão, desde o começo, diante da opinião pública, isto é, diante de uma corrente de opiniões individuais, com tal volume, intensidade e continuidade que pode ser identificada no espaço e no tempo. Os autores da solução são aceitos porque há uma expectativa em relação a eles. Quando se trata de simples usurpadores do poder, mais cedo ou mais tarde são substituídos, não ocorrendo no período nenhuma diminuição das tensões. Por isso, uma minoria pode ser responsável por uma solução definitiva. Mesmo que assuma o poder pela força, pode conquistar a opinião pública desde que saiba interpretar, logo de início, as ansiedades gerais e saiba canalizar o potencial dessas ansiedades para o trabalho de organização, administração e planejamento do bem comum. O resultado é a diminuição das tensões e a transformação dos autores da solução em representantes legítimos dos interesses coletivos. Esta aceitação, resultado, no início, de uma simples expectativa e, depois, de uma expectativa simpática, nada mais é do que a institucionalização da nova ordem.

A opinião pública, portanto, precede sempre uma nova ordem.

Quando começa a aparecer a expectativa simpática, os autores da solução procuram sempre estar a par da repercussão de seus atos no grupo social e iniciam a tentativa de controlar a opinião pública, para que ela não saia dos limites da expectativa simpática. O meio de se alcançar esse objetivo é difundir a imagem daquilo que, consciente ou inconscientemente, é desejado idealmente pela comunidade. A apresentação dessa imagem é feita de modo a deixar patente

que os autores da solução são, exatamente, aqueles que estão transformando em realidade a imagem que estão difundindo.

### 3 - IMAGEM: PRODUTO DA COMUNICAÇÃO

#### 3.1 - A oposição agora/antes

Como imagem é exteriorização, é necessário motivar para comunicar. Uma das técnicas básicas para comunicar eficientemente a imagem é usar a oposição antes/agora. É preciso que todos se comprometam de que o que há agora é melhor do que aquilo que havia antes. É preciso insistir nessa oposição para que surja a consciência da mudança e se possa institucionalizar a solução. A institucionalização é um processo que, embora surja da imposição, no primeiro momento, de uma nova ordem, procura realizar-se essencialmente pela aceitação. Sendo processo, a institucionalização só termina quando os anseios básicos do grupo são atendidos. Antes de terminar sofre marchas e contramarchas, correções e aperfeiçoamentos na medida em que procura atender a esses anseios básicos.

A imagem procura mostrar mudança e não continuação. É necessário que os membros do grupo saibam que o que presenciam e experimentam não é mera transformação do que havia, mas sim algo novo. Isso é importante porque, assim compreendendo a imagem, aceita-a. Lembra-se ou intui que o que havia anteriormente fazia parte de um contexto que lhe causava ansiedade.

A mudança tende, no início, a chamar-se de Revolução porque o início é, antes de tudo, rompimento. À medida que se institucionaliza, tem menos necessidade de se

apresentar a todo momento como uma mudança. Se o fim é implantar uma nova ordem, verificada esta implantação, deixa de haver a necessidade de se proclamar, a todo momento, como Revolução.

O processo de institucionalização da mudança começa com atos políticos, atos institucionais e palavras que procuram deixar patente a irredutibilidade da mesma. É uma manifestação de força física. Passada a fase de rompimento com o estado anterior, substituem-se os atos políticos por atos organizatórios e administrativos e, usando-se adequadamente a imagem dos anseios nacionais como fator de comunicação, inicia-se o período de estabilização da nova ordem. Revolução é, antes de tudo, um termo de cheque necessário à implantação de um novo sistema e é usado enquanto não se consegue realizar os anseios básicos da nação. Reduz-se a um mero movimento de usurpação quando a imagem que difunde não é aceita pela comunidade, comprovando-se esta não aceitação pela apatia e desinteresse com que o grupo social cerca a mesma. Assim, suspensão temporária de atividades tradicionais, como as eleições, e de organismos, como o legislativo e o judiciário (para certas atribuições), podem configurar uma situação de retrocesso quando o poder é exercido por usurpadores. Estas mesmas coisas podem configurar uma situação oposta quando os detentores do poder são aceitos pelo grupo social, aceitação que pode ser comprovada por meios outros como a patente participação da comunidade no esforço inovador, através de sua adesão à imagem que os novos detentores do poder procuram difundir. É lógico que a aferição só se deve fazer desta maneira no pe-

riodo em que os anseios básicos estão ainda por se satisfazer. Atingida a meta, inicia-se o período de equilíbrio no funcionamento das instituições. Ai então, cessam os cerceamentos e, garantidos pela estabilidade social, ou seja, pela ausência de tensões sociais significativas, os mecanismos da engrenagem política podem funcionar sem perturbações. O que se convenciaa chamar de democracia é uma meta a se atingir a curto, médio ou longo prazo, tudo dependendo das condições sociais da comunidade em comparação com outras comunidades mais desenvolvidas. A democracia liberal é um sistema ideal que pressupõe toda uma gama de conquistas sociais e não se pode aplicar com a mesma eficiência a comunidades que não experimentaram o mesmo processo evolutivo ou algo equivalente, ou que vivem um momento de retrocesso em relação aos seus objetivos sociais básicos. É um ideal, que se tem mostrado inexecutível em determinados momentos de numerosas comunidades, já que pressupõe satisfação das necessidades essenciais do grupo.

### 3.2 - Imagem pré-fabricada e imagem gradual

De modo geral, o grupo que simplesmente usurpa o poder, sem conseguir diminuir as tensões que, antes dele, configuravam um quadro de inquietação, tende, cada vez mais, a difundir uma imagem de si mesmo e não de toda a comunidade empenhada no esforço de reconstrução. Tais grupos são os que podem ser rotulados de ditaduras. São os grupos que, no seu esforço para manter o poder, tentam controlar a opinião pública através de uma imagem pré-fabricada. Correspondem, no plano individual, aos que têm o costume de usar mais o pronome eu e não o pronome nós.

O conceito de ditadura pode, assim, ser desenvolvido com base no tipo de imagem que, depois de consumado o rompimento com as estruturas antigas, o grupo detentor do poder procura difundir. A imagem pré-fabricada de si mesmo e do significado dos seus atos confere ao grupo dominante o caráter ditatorial. Tal não acontece, porém, com o grupo que arrebatou o poder e constrói gradativamente sua imagem com base na igualdade entre o seu esforço e o esforço de cada um dos membros da comunidade. Na realidade, o que ocorre aí é uma contínua tentativa dele no sentido de identificar-se com os anseios populares básicos, que nem sempre são os mais aparentes e proclamados. A identificação com os anseios mais aparentes, única e exclusivamente, significa fragilidade de convicções e demagogia. O grupo que arrebatou o poder deve ser considerado mais autêntico quando valoriza mais fortemente os membros da comunidade do que a si mesmo. É por isso que a imagem que ele projeta, em conjunto, de si mesmo e dos demais cidadãos, é uma imagem sempre em processo de formação e não uma imagem acabada. É uma imagem gradual. Este tipo de imagem corresponde aos verdadeiros anseios populares, captados na fase de expectativa simpática que pode seguir a fase do rompimento. A existência de uma imagem gradual pressupõe o sucesso do grupo dominante no sentido de transformar a simples expectativa da fase de ruptura em expectativa simpática. Em outras palavras, a imagem que corresponde a uma nova era é a imagem gradual e ela é, efetivamente, produto da distensão.

#### 4 - AS ETAPAS NA COMUNICAÇÃO DA IMAGEM

4.1 - O esforço no sentido de comunicar a imagem percorre três etapas: análise, influência e interpretação.

Todas têm a mesma importância e a imperfeita realização de uma delas pode prejudicar irremediavelmente o programa. O trabalho envolve a utilização dos meios mais efetivos de comunicação e o emprêgo de pessoas que não só devem estar sintonizadas com a filosofia do transmissor como também com as peculiaridades do receptor. Em quase todos os países, esse trabalho de difusão é confiado, de modo específico, a assessorias de relações públicas ou a assessorias de imprensa, que trabalham em estreito contato com o gabinete do Governo ou / e com os gabinetes dos ministérios, secretarias, autarquias e órgãos diretamente subordinados ao governo central.

Há, porém, órgãos do Governo que são responsáveis, em maior grau, por ações capazes de influir mais fortemente na formação da imagem nacional. O principal deles é, quase sempre, o Ministério do Interior. Sua importância nem sempre é sentida por aqueles que implantam uma nova ordem. Essa falha acaba diminuindo a eficiência da difusão, por parte do Governo, da imagem, que procura transmitir, de intérprete dos anseios populares básicos.

#### 4.2 - Análise

Quem quer comunicar a imagem procura descobrir em quem vai recebê-la não somente suas forças e fraquezas mas também como capitalizar essas forças e eliminar essas fraquezas. Essa análise deve estar subordinada inteiramente a uma visão ao mesmo tempo psicológica e sociológica do grupo que vai receber a mensagem. O grupo que arrebatou o poder para a implantação de uma nova ordem consentânea com os ideais de toda a comunidade, não pode se dar ao luxo de improvisar elementos para esse tipo de trabalho.



#### 4.3 - Influências

Esta etapa consiste em sugerir meios de melhorar o que há e de influenciar o comportamento de modo a torná-lo compatível com o interesse público. Ao contrário do que acontece na primeira etapa, em que o conhecimento das ciências sociais é essencial, o sucesso aqui depende antes de fatores intangíveis, como a inteligência, o caráter, a reputação, a diplomacia e a ingenuidade de quem trabalha na mensagem.

#### 4.4 - Interpretação

Esta etapa consiste na visualização da mensagem, na publicidade em si ou, como é do conhecimento geral, no anúncio. Este é apresentado por meio da imprensa, rádio, televisão, cinema e escola. Cada um deles se presta melhor a algum tipo de mensagem. O artista que corporifica a mensagem tem de estar sempre atento para o perigo de se apresentar uma imagem visual por demais ideal. O consumidor da imagem pode sentir a distância que separa o que ele vê daquilo que ele vive. A qualidade, portanto, indispensável nessa etapa é a verossimilhança das situações apresentadas.

### 5 - IMAGEM E SEGURANÇA NACIONAL

#### 5.1 - Imagem e pessimismo

O grupo social, no processo de organização com a finalidade de transformar-se em Nação, percorre também três etapas que correspondem a três tipos diversos de comportamento: a indiferença, o pessimismo e o orgulho nacional.

Por muito tempo, os membros de uma comunidade já organizada sob a forma de Estado independente, conserva

ainda o comportamento social que se caracteriza pela atenção voltada apenas para os membros mais próximos da comunidade. Um estado que se encontre nesta etapa corre sempre o risco de desmantelar-se, subdividindo-se ou agregando-se a outro Estado mais forte. Normalmente, os cidadãos de um Estado desta fase são culturalmente atrasados e permanecem distanciados da ciência e da técnica por ausência total de motivação.

O comportamento social caracterizado pelo pessimismo corresponde à segunda etapa no processo de formação de uma Nação. Este comportamento resulta da constatação, por parte dos membros da comunidade de que existem outras sociedades capazes de resolver com mais eficiência seus problemas políticos e administrativos. É muito forte, nessa fase, o prestígio de outras comunidades, o que acarreta a existência de uma fraca capacidade de crítica. É a fase da imitação e da falta de cor nacional. Os membros da comunidade dão a impressão a outras nações de que não têm personalidade, de que são incapazes de ações transcendentais duráveis e de que se destacam apenas por qualidades exteriores. Tornam-se objeto da comiseração e medentorismo das nações que, por razões diversas, já se encontram na terceira etapa.

Todos os meios de comunicação, à disposição da comunidade, concorrem, de uma maneira ou de outra, para a difusão da imagem de uma comunidade pessimista. A imprensa dedica mais espaço às notícias internacionais, na primeira página; o rádio transmite, em maior quantidade, músicas estrangeiras, refletindo o gosto popular; a televisão associa-se ao cinema e apresenta películas que exaltam natu-

ralmente as excelências de outras maneiras nacionais de viver: a escola, por exemplo, resume para os alunos todo o complexo de padrões impositivos estrangeiros, como os costumes, a história e a cultura. Nessa etapa, a comunidade é considerada por aqueles que a analisam com isenção, como mera e rotineira importadora de cultura.

#### 5.2 - Imagem e orgulho nacional.

Nesta etapa, os membros de toda a comunidade constituem-se, verdadeiramente, numa Nação e, além disso, comunicam entre si a noção de pátria comum. Ao invés de propagarem de modo piegas essa consciência, fazem-no com seriedade e convicção, porque sabem que possuem cultura própria, forjada no inconformismo construtivo. O orgulho nacional, resultado da imagem, corretamente transmitida, das potencialidades de cada um dos membros da sociedade e das excelências de sua tradição cultural e de seu comportamento, substituem o pessimismo conformista. A nação, assim formada, relaciona-se em pé de igualdade com as outras, e só abaixo dos interesses da humanidade coloca os interesses nacionais.

A consciência dos valores que individualizam a comunidade dá origem a uma imagem que cada membro sabe identificar com crescente precisão. Esta imagem impulsiona o grupo social no sentido de novas realizações, tornando-o detentor de novos valores. A consciência destes e dos que havia antes origina uma nova imagem, agora mais rica. Esse movimento cíclico de conscientização de valores e formação de novas imagens é o instrumento de que a comunidade passa a dispor a fim de diminuir ou de acabar com a distância que a separa de outras nações que sobre ela

exerciam influência política, econômica ou cultural. O progresso torna-se rotina e cada vez mais torna-se fato do passado a ação de importação de valores que caracterizava o grupo social como um todo.

### 5.3 - Imagem e segurança nacional

Assim compreendida, a imagem nacional torna-se um conceito paralelo ao de segurança nacional. Somente uma comunidade que tenha consciência de suas qualidades e defeitos e que confie nas suas próprias e autênticas soluções, é capaz de defender-se dos interesses expansionistas de outras nações, sejam eles políticos, econômicos ou culturais.

A busca, por qualquer nação, de meios para projetar sua economia, sua cultura ou mesmo sua política para as demais comunidades internacionais, é natural e, quase sempre, recorrente. Isso é uma atitude tipicamente humana. A consciência dos nossos valores leva-nos a projetá-los em nossos semelhantes como forma de os afirmarmos. É uma atitude social que as nações igualmente desenvolvem, principalmente se estão na fase do orgulho nacional. O receptor dessa expansão, porém, seja cada membro da comunidade, seja ela mesma, como um todo, deve agir como um ser social, aceitando aquilo que lhe diminui as limitações e rejeitando o que lhe contraria a personalidade, descaracterizando-a ou enfraquecendo-a.

Os interesses expansionistas de outras nações são aqueles, portanto, que identificamos como descaracterizadores de nossa personalidade cultural ou enfraquecedores de nossa vontade de afirmação. A xenofobia é tão perigosa quanto a adesão incondicional aos valores de outras comunidades. A imagem que temos de nós mesmos como membros

de uma sociedade que busca afirmar-se é o parâmetro que devemos usar para, em termos de segurança nacional, decidirmos do caráter expansionista dos valores que as demais nações nos enviam.

Do ponto de vista do indivíduo, é a imagem nacional fator importante na manutenção da segurança necessária à aquisição de novos valores. Cada membro da comunidade, ao conscientizar-se das excelências de suas realizações e das de seus semelhantes, dentro do grupo, sente-se mais disposto a aumentar o raio de ação de sua contribuição. Com isso, lucram todos, porque não se medirá cada indivíduo como antigamente. Haverá a consciência de que cada membro da comunidade estará valendo intrinsecamente tanto ou mais do que cada um dos cidadãos de outras nações.

#### 6 - CONCLUSÃO

Do que foi dito, devemos concluir, ressaltando o caráter permanente da imagem nacional e o caráter transitório da comunicação dessa imagem. Depois de assimilada, ela não tem mais necessidade de ser transmitida pois se corporifica e se torna um instrumento permanente de afirmação nacional.

#### 7 - BIBLIOGRAFIA

1. AVILA, Fernando Bastos de. Pequena enciclopédia de moral e civismo. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1967. 526 p.
2. BLUMER, Herbert. Collective behavior. In: GITTLER, Josef E., edit. Review of Sociology: analysis of a decade. New York, John Wiley, 1957. 588p.
3. CLOUGH, Reginald. Public relations. In: The Encyclopedia Americana. New York, 1953.

4. DURKHEIM, Emile. Les règles de la méthode sociologique. Paris, Félix Alcan, 1904. 186p.
5. GILLETTE, John & REINHARDT, James M. Current social problems. New York, American Book, 1953. 819p.
6. KAPLAN, Bert. Personality and social structure. In: GITTLER, Joseph B., edit. Review of Sociology. New York, John Wiley, 1957. 588 p.
7. PIERSON, Donald. Teoria e pesquisa em sociologia. 6 ed. rev. aum. São Paulo, Melhoramentos, s.d. 334p. (Col. Biblioteca de Educação, 30).

8 - ABSTRACT

The author proposes a theory according to which there is a tendency in well succeeded political movements of developing countries to advance, at the same time, a constructive and gradual image both for them and for the people in order to create a true national pride and, consequently, true national independence. This can be done without any compromise as to ideologies or political systems. He explains, also, the essential techniques for the dissemination of such an image.

Forum de Ciência e Cultura da U.F.R.J.

  
José Ariel Castro



